



# O Relógio Real



Título  
O Relógio Real

Texto  
© Palmira Martins

Ilustrações  
© Giorgia Grippo Belfi

Coordenação da Edição  
Alfarroba

Revisão e Edição  
Andreia Salgueiro | Alfarroba

Design e Paginação  
Catarina Amaro da Costa | Alfarroba

Música  
Autor: Ricardo Baptista  
Vozes: Isabel Bragança Gonçalves,  
Ricardo Baptista e Miguel Baptista

Impressão e Acabamento  
Portugal

ISBN  
978-989-9068-59-9

Depósito Legal  
506 790/22

1.ª edição, novembro 2022

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização da editora.

Música



uma edição da Alfarroba  
© novembro 2022, Alfarroba

telefone: 210 998 223  
e-mail: geral@alfarroba.com.pt



[www.alfarroba.com.pt](http://www.alfarroba.com.pt)

Para a Carolina, a princesinha  
para quem escrevi esta história,  
muito antes de a conhecer.

**H**á muitos, muitos anos, num reino longínquo, havia um relojoeiro famoso. Era um importante construtor de relógios. De todas as cidades, vilas e remotos lugares do reino chegavam encomendas especiais. Eram relógios para torres de igrejas e catedrais, estações de caminho-de-ferro, armazéns e até palácios reais.

Ele já perdera a conta ao número de exemplares que fizera, desde pequenos mostradores de pulso até relógios dourados, de valor incalculável.

A todos os pedidos e encomendas, o habilidoso artesão correspondia com uma obra singular. Pode dizer-se que todo o mundo vivia ao ritmo das horas, minutos e segundos programados nos ponteiros daquele mestre do tempo.



Os padres rezavam missa à hora marcada, os comboios nunca se atrasavam, o rei convocava a corte a tempo e a horas, os ministros reuniam à hora exata e até os galos só cantavam depois do toque do relógio da torre da igreja. A vida decorria com precisão e harmonia, ao ritmo imposto pelas pequenas máquinas do tempo. Havia horas para trabalhar, horas para descansar e até horas para as pessoas se divertirem ou conversarem umas com as outras.

Mas, com a morte do velho e bondoso rei, subiu ao trono o seu filho, um jovem muito maldisposto e arrogante, que não tolerava relógios. Na sua real opinião, aquele relógio de ouro, que estava no maior salão do palácio, e que já tinha pertencido ao seu pai, não tinha o direito de «comandar» a sua vida. Ele era rei e por isso tinha direito a ter o seu próprio tempo. Para ele, dividir o tempo em horas, minutos e segundos, iguais para todos, era um absurdo. Era próprio de gente pobre, que tinha de ser mandada. Ora, ele era rei! Tinha de ter outro tempo!



Pensou, pensou e resolveu mandar um emissário à oficina do velho construtor de relógios com a seguinte mensagem:

«Exijo que me construas, com urgência, um relógio especial. Tem de ser tão especial que seja eu a comandar o tempo. Essa divisão em horas, minutos e segundos, além de antiquada, não é digna da minha Real Pessoa! Tens uma semana para construir a obra. Findo esse tempo, mandarei buscar a encomenda. Se esta não corresponder ao meu pedido, mandar-te-ei prender, para sempre, nas masmorras do palácio!»

O velho artista ficou deveras preocupado com a exigência do rei. Passara a vida a construir relógios de todos os tamanhos e feitios, mas nunca lhe tinham feito uma encomenda tão disparatada! Um relógio sem horas, minutos e segundos!? Onde já se vira!? Uma máquina do tempo comandada pelas perrices do seu dono!?

Por outro lado, a fama do mau humor e das vinganças do novo rei era bem conhecida. Não tinha dúvidas de que, se não cumprisse as suas exigências, seria preso, definitivamente, nas masmorras do palácio.

O pobre homem nem dormiu nessa noite. Não lhe saía da cabeça a absurda encomenda! Mas, quanto mais nervoso estava, menos ideias tinha. Olhava e tornava a olhar para as rodas, rodinhas, roldanas e roldaninhas que sempre usara nos seus trabalhos. Não via forma de construir um relógio sem que essas valiosas peças lá estivessem a dividir o tempo, com precisão, em horas, minutos e segundos.

Assim foram passando os dias e as noites ao ritmo do enorme relógio de cuco que tentava alegrar as paredes da velha oficina. O fim do prazo aproximava-se e, apesar das tentativas, o relojoeiro não tinha ainda conseguido dar resposta ao pedido real.

Na última noite, cansado de tanto pensar sem sucesso, resolveu deitar-se e convencer-se de que passaria o resto dos seus dias nas masmorras.